

Política Habitacional

vs.

Cultura Popular

A desordem urbana está instaurada. A exploração do uso da terra ganha dimensões ameaçadoras. O homem pobre que vive nas grandes cidades do Terceiro Mundo é quem mais sofre. Ironicamente ele não desfruta de sua obra/trabalho e o lucro gerado favorece aos ricos. De todos os problemas a moradia é o principal. A política habitacional oficial brasileira não atende aos mais necessitados – embora tenha sido criada para isso e utilize meios provenientes do trabalho através do Plano de Integração Social -- PIS. Um estudo sobre a possível racionalização na construção dos conjuntos habitacionais oficiais e a riqueza criativa manifestada nas construções "espontâneas" é colocada na entrevista do arquiteto e estudioso da questão, Hartmut Thimel à Liane Mühlenberg.

Em contraponto, uma entrevista poética a Toninho Martins Vaz de Mestre João Catinga, velho morador do morro do Borel, construtor popular que viu o morro transformar-se, ser ocupado de forma desordenada e absurda. Mestre Catinga pagou muito aluguel para falsos donos da terra, até mesmo a Seda Moderna quis se arvorar de dona. Mas uma dia os moradores descobriram que as terras eram do Estado: "daí ninguém mais pagou aluguel". Hoje o Borel não é nem sombra do que foi. Totalmente saturado pelo número de barracos construídos – entre um barraco e outro não existe nem 20 centímetros de distância – com ruas tortas e apertadas, onde um carro não passa, carente de toda e qualquer infra-estrutura de saneamento. O Borel é uma calamidade. Mas Mestre Catinga não sai dali pra parte nenhuma, porque ali é seu chão.

Arquiteto Hartmut Thimel

*Há quanto tempo não tenho onde morar,
Se é chuva apanho chuva
Se é sol apanho sol.
Francamente pra viver nesta agonia
Eu preferia ter nascido caracol.*

(Marcha do Caracol — Pedro Caetano)

Hartmut Thimel, arquiteto e estudioso das habitações e conjuntos da população de baixa renda, em trabalho realizado em 1975, para o Banco Nacional da Habitação, chama a atenção das autoridades competentes para a crescente explosão demográfica que está ocorrendo nas regiões urbanas do Terceiro Mundo. No ano 2000 essa população atingirá a 3 bilhões 150 milhões de habitantes, o que significa, a cada ano, uma nova cidade de 50 milhões de moradores, ou seja: cada semana, um novo espaço urbano de 1 milhão de seres humanos. No Brasil, a população urbana se situará entre 115 a 170 milhões de habitantes no ano 2000.

No nosso país se desconhecem soluções capazes de melhorar a situação habitacional e urbanística desta população que tende a se aglomerar em espaços urbanos, numa crescente migração do campo para a cidade, atraída por engodos publicitários, em busca de condições melhores de vida. Pergunta-se: como se pretende enfrentar esta pressão urbanística, quando o maior aumento das cidades é provocado exatamente por estas camadas de baixíssima renda?

— Este aspecto de baixa renda da maior parte da população urbana é, entre outros, decisivo para o surgimento e constante existência das chamadas favelas em todos os espaços urbanos do país. O aumento da população e a crescente desigualdade na distribuição da renda, provocam uma maior aglomeração da população numa forma subumana de viver. Dados exatos mostram que 5% da população urbana brasileira ganham em média 13,6

salários mínimos. Os restantes 95% percebem até 4,4 salários mínimos. Agrava-se a situação a partir das pesquisas e estatísticas que registram, apesar do avanço econômico crescente desigualdade na distribuição da renda, ou seja, constante diminuição do poder de compra do salário mínimo.

Sabe-se que as camadas dirigentes ignoram toda e qualquer necessidade, manifestação ou criação da população de baixa renda. Ao mesmo tempo, não podendo se manifestar em nenhum plano político decisório, as necessidades e características fundamentais desta população são sempre ignoradas pelas camadas dirigentes. Exemplo disto é a desagregação cultural que se manifesta nos conjuntos habitacionais oficiais. Como explicar este fato?

— Nos conjuntos habitacionais oficiais não existe referência nenhuma aos costumes e ao tipo de vida desenvolvido por essa população durante séculos. Conseqüentemente, são produzidos pelos mecanismos oficiais, moradias e conjuntos totalmente inadequados — até opostos —, às necessidades das faixas sociais a que são dirigidos. A base para qualquer melhoria habitacional e urbanística das camadas de baixa renda é o estudo profundo das suas características, especialmente a sua convivência, os aspectos sócio-culturais, seus mecanismos econômicos e sobretudo a “sua realização espacial”. Ao compreendermos isso, chegamos à conclusão que é necessária a participação dos habitantes desde o planejamento até a execução. Só assim o seu conceito de vida estará dimensionado de acordo com suas necessidades.

O mais difícil para as camadas dominantes é reconhecer os valores das faixas sociais “inferiores”. À medida que for dada voz a essas camadas, os conceitos da organização espacial urbana terão de referir-se, explicitamente, às necessidades destas mesmas camadas, que hoje são tratadas de maneira marginalizada. Neste momento será decisiva a necessidade de adequar melhor as grandes massas populacionais nos espaços urbanos. É preciso redimensionar as urbes para que a sua maior população se localize nos pontos-chaves: próximo ao mercado de trabalho e aos serviços, e não, como é feito hoje, distante, nas periferias, ocasionando uma série de problemas que começa no congestionamento do trânsito infra-estrutura de serviço para estas populações.

A pesquisa demonstra a criatividade técnica e espacial no quadro dos meios disponíveis e a forma arquitetônica expressiva das construções e sua utilidade para as exigências dos usuários. A qualidade de todos os exemplos, mostra processos criativos de altíssimo nível. O homem, vivendo em condições das mais precárias, busca exprimir de maneira harmoniosa a sua personalidade individual no contexto coletivo de seu ambiente habitacional. Qual a solução para este fato?



— Dentro de uma concepção mais elitista, notam-se grande superioridade e vantagens sobre as realizações das faixas sociais privilegiadas que, dispondo de todos os meios possíveis, não conseguem criar nada além do caos espacial urbano. Nas camadas de baixa renda existe mais compreensão do fenômeno de comunidade do que nas faixas mais favorecidas. É significativa para a “arquitetura popular brasileira” a expressão visual desta sensibilidade da coletividade, garantindo-se, ao mesmo tempo, individualidade total da expressão arquitetônica e de uso das construções. Elas oferecem uma flexibilidade ilimitada, adaptando-se constantemente às mudanças exigidas. Essas construções são muito mais modernas do que a arquitetura oficial e acadêmica.

A concepção espontânea da arquitetura e dos conjuntos de grande parte da população brasileira corresponde totalmente às necessidades do homem — exatamente por ser “espontânea”, característica que reúne a liberdade de inúmeras decisões individuais, ditadas pelas necessidades do momento. Esses fatos são fundamentais para o Brasil e para o Terceiro Mundo, porque no futuro as soluções concebidas “espontaneamente” serão cada vez mais adotadas, não só pelas razões já citadas, mas pelo despreparo dos dirigentes para enfrentar os problemas criados pelo crescimento urbano.

Qual seria a solução para os conjuntos oficiais?

— O ideal seria o sistema de módulos de 3 por 3 metros que apresenta total flexibilidade e mobilidade de concepção, podendo adaptar-se a qualquer exigência dos usuários. O morador é quem decide como conceber sua casa. Importa apenas colocar que os espaços interior e exterior da casa devem estar integrados:

A execução desse sistema deve ser realizada pelo futuro morador, seus familiares e amigos, em forma de mutirão. Aproveitando-se a mão-de-obra existente evita-se a obtenção de lucros — provocada pela entrada da construtora como intermediária;

Os materiais podem variar: alvenaria, madeira, taipa, elementos fornecidos pela indústria, dependendo da região, do clima, do costume de uso, maior velocidade e facilidade na execução das obras, etc;

A construção das habitações pode ser feita de uma só vez ou por etapas. É necessário o mínimo de instalações iniciais — tal como a instalação das unidades sanitárias — deixando que o restante do espaço se dimensione com o uso.

— o —

Por fim, não deve ser descuidada a localização, que deve ser escolhida da maneira mais equilibrada dentro do espaço das cidades; é objetivo básico a diminuição do preço que poderá ser alcançado pela racionalização na execução e baixar até 70% dos preços atuais.

Mestre João Catinga

“Uma evolução aqui no morro seria fazer as ruas em segmento certo, mas não tem segmento certo. A base é essa: uma rua que tivesse 15 de fundo e 10 de frente, oferecia saída pelos dois lados e assim sucessivamente continuava. Mas isso aqui acomodou-se e perderam, por assim dizer, a rotina de caminho.”

(Mestre João Catinga, 65 anos aproximadamente)

É fácil. É fácil. Na época do Borel antigo existia os homens que se diziam donos do morro. Então eles alugavam os terrenos para os proprietários que moravam nele, sendo que alugavam pedaços de 100, 200 metros por 200 mirréis, por exemplo. Eles armavam vilazinhas de cinco, seis barracos e alugavam de acordo com quarto e sala; se tivesse cozinha era 60 mirréis; se era só um quarto era 30 mirréis e assim por diante. Até que houve a fase de dizer que o Borel, por exemplo, era da Seda Moderna. Depois foram descobrindo que nem a Seda Moderna era dona, que o morro pertencia ao Estado. Daí o pessoal deixou de pagar aluguel e passou a construir os seus barracos. Eu fui um dos que aprendi a fazer barracos assim. Eu vim pra cá em 1933 e estou com a idade, por exemplo, de 50 anos só de moradia. Depois nunca saí daqui pra lugar nenhum. Aqui acabei de me criar e, como diz o ditado, construí família. E fui aprendendo a fazer esses barraquinhos, construindo muito. Depois fui pra construção civil onde aprendi a medir na linha corrida e fui orientado em tudo. *Quer dizer, no pesado miúdo eu comecei a pegar foi com 25 anos de idade.*

O Borel tinha então uns 30 barracos, apenas. O morro aqui começou a modificar depois de uns 30 anos pra cá. Nessa época havia um só que comandava, se fingia ser o dono das terras. Desse lado aqui tinha o meu tio, o Manoel Desidério, já morto, que comandava esse pedaço aqui. Ele pagava na época a importância de 200 cruzeiros, 200 mirréis, né?, antigos, e mandava fazer os barracos de acordo com a família: se era solteiro era barraquinho de



3x3, pra um sozinho dava, então ele cobrava aluguel de 30 mirréis. Se era quarto, sala e cozinha seria o valor de 60 mirréis. Bom, com o resultado desse dinheiro ele pagava o patrício lá fora...

O terreno mais valorizado na favela sempre é a baixada, perto da rua, embora nada aqui seja barato. O Borel, por exemplo, hoje é uma cidade, tudo tem seu preço alto. Um barraco está custando 60, 80 milhão.

Quase todos que foram chegando aqui eram cariocas, pessoas nascidas aqui mesmo. Que eu saiba, desde 1954 pra cá é que começaram a falar em despejar os moradores do Borel. Diziam então que o Borel era dos suíços não-sei-o-quê, que a Seda Moderna achava que era dona também, até a coroa do morro, mas não pode ser... Nós tivemos advogado também, que foi morto, ou morreu, morreu apaixonado o falecido Margarino Torres, que foi advogado não só daqui mas das favelas de acordo com o Borel. Então foi aonde que todo mundo descobriu, por exemplo, que a Seda Moderna não era dona, que os donos eram os suíços, que ninguém conhecia os suíços. Só a única pessoa que conhecia os suíços era o meu tio que morreu e era cego. Cego modo de dizer, porque não tinha leitura pra conversar, mas dizem que quando eles (os suíços) foram embora iam deixar essas terras pra ele, como homem trabalhador que era deles, de confiança. Mas esqueceram e voltaram com a papelada toda quando foram embora. Então o Borel ficou com o imposto todo atrasado e não houve, por exemplo, quem procurasse. Sabendo disso, o pessoal passou a não pagar aluguel a ninguém. Alguém, por exemplo, que tinha consciência que o fulano conseguiu isso com sacrifício, o que alugava, chegava e dizia: "Fulano, a gente não ia pagar mais, mas o barraco é seu, vamos fazer um negócio? O senhor não vai ter prejuízo, nem eu, então o senhor leva 20 contos e eu fico com o barraco." Assim foi feito. Aqueles que puderam melhorar foram melhorando, o senhor agora vê alvenaria, todo mundo está subindo seu tijolinho, cimento armado, esses trecos, valorizando.

Dizem que vão urbanizar o Borel, mas, se fizerem, vai voltar tudo na tona outra vez. Para fazer a urbanização do Borel tem que ter rua, esgoto, rua, rua, rua... Mas isso está tudo ocupado. Como eles vão mexer nesse pessoal, por exemplo, que está no caminho? Esses caminhos foram feitos por nós mesmos, quando começou. A gente espalhou logo picadas, abrimos, enfiamos um piquete aqui, um piquete ali. Isso é uma rua. Um piquete aqui, um piquete ali, outra rua. Isso é importante porque vão ter que mexer com esse pessoal. Agora, urbanização também é o seguinte: o sujeito tem que pagar, desconta em folha de pagamento 10 por cento, 5 por cento mas vai descontando. Quer dizer: o problema da paisagem urbanística do Borel é que os barracos estão muito garrados um no outro. Tem que dar, no mínimo, 20 centímetros de desgarro. Ou melhor, a gente aqui mora garrado porque não tem mesmo como ser diferente.

Agora, qual será o resultado que o senhor quer saber mesmo sobre os barracos? Bom, eu já sei, deixa que eu conto. O Borel tem muita gente, uma base de, mais ou menos, 10 mil famílias. Se o senhor acompanhar até a Chácara do Céu vai ficar abismado, pois até campo de futebol tem na coroa do morro. Toda segunda-feira eu lá do outro lado fazer um biscate, uma freguesia. Lá em cima tem muita casa. Mas lá também é um pouquinho perigoso pro senhor ir. Tem que ir numa hora serena...

Mas sobre questões de barracos, hoje em dia a tendência é acabar com construções de pau-a-pique e fazer mais alvenaria. O pau-a-pique é o seguinte: você pode estar dormindo sossegado e ser mordido pelo escorpião, pela lacraia. Se bem que a lacraia também dá no cimento... Antigamente, antigamente o que tinha mais aqui nesse era escorpião. O que nós temos hoje aqui no morro? É Eles estão trabalhando pra matar os ratos mas não acabam nunca.

O que eu penso, sabe o que é?

Eu acho bonito, entendeu? , se o sujeito tem paciência pra fazer uma construção bem trabalhada. É que eu não tenho, por exemplo, a habilitação de fundo mesmo. Mas meu trabalho o que eu aprendi é assim:

Se o terreno for meio falso, a gente vai até 2 metros de fundura, 2 metros e meio. O buraco pode ter 1 metro de lado. A gente enche ele de pedra e concreto. Em cima da gente faz um radiê, depois a gente faz um caixote e suspende uma coluna, pra aqui no radiê. Depois enche o caixote de concreto tudinho, até na base. Depois vem com uma coluna de madeira e enfia, por exemplo, dentro da coluna de ferro, apruma ela, espera que seque e vai encher essas colunas todinhas, partindo pra outra. Num espaço de 10 dias, 15 dias, tiramos essa madeira, deixamos no concreto puro e fazemos a mesma coisa na outra.

Mas vamos fazer uma base assim: isso é uma casa que vamos dividir assim: quarto, sala, cozinha e banheiro. Lá uma coluna aqui, outra, outra, outra, uma no meio, outra, outra. Aqui corre uma viga, aqui outra e dos lados corre outra. Fica com uma base, por exemplo, de 10 centímetros. É socado, é batido. Se o indivíduo tiver vala vai pra vala, que sai do banheiro, se tiver fossa, vai pra fossa. Da cozinha a mesma coisa. Depois suspende as paredes de tijolos, suspende alvenaria. Quando essas paredes estiverem prontas muitos usam chapiscar a parede por fora. Tem a finalidade de proteger os tijolos, que hoje não são bem cozidos. Por dentro pode também dar um chapisco, que é pra massa não rachar.

O que acontece é o seguinte: o projeto tem que cercar a natureza mesmo. Por exemplo: um barraco tem janelas, basculante, tem portas, mas somente aonde pode ser feito, entende? O barraco tem boa ventilação, mas só às vezes se abre janelas laterais porque pode ser perigoso.

Mas a base da construção é a seguinte: depois que se faz o chão, com a alvenaria pronta, entra a laje de concreto.

Essa laje vai receber os canos e a caixa de distribuição de luz. Depois que estiver tudo no lugar pode então encher a laje de concreto. Na parte de dentro tem que ficar um concreto macio prá não deixar casa de marimbondo no serviço. Sabe o que é casa de marimbondo, por exemplo? É falhado.

Uma vez, lá perto do cais do porto, por exemplo, o cara entrou de férias e eu não trabalhava pro homem; eu era o biscateiro, sem carteira assinada. Ele perguntou:

"O senhor entende de ferragens, seu João?" Eu disse:

"De acordo com o seu desenho, quem sabe se eu vou entender?" "Não, é porque essas vigas de ferragens que vão correr aqui em cima vão levar cavaletes. Essas

colunas não vão ser emboçadas, eu quero elas lisinhas.

Qual pedra o senhor quer?" Eu disse, tá bom, não

tem problema, o senhor me dá pedra zero e pedra 1.

"Qual é a base do concreto que o senhor vai fazer?"

Eu disse depende do senhor querer. Aí ele virou e disse:

"Seu João, eu quero um troço que não precise pintar

as colunas." Então eu vou fazer a base de 2x1.

Agora o senhor vê, em cada duas latas de areia eu botava

uma de cimento. Eu misturava a pedra 1 com a

pedra zero. Ele me arrumou um servente e o malandro

foi só batendo, pá pá pá... Ahn!, aquilo ficou igual

a uma manteiga. Depois de vinte dias ele mandou tirar as

madeiras, juro por Deus!, aquilo ficou liquinho.

Depois disso os outros diziam: "Ô, seu João, o senhor veio

pra cá agora e tá com esse nome todo, hem!"

Mas eu armei muita casa de pau-a-pique, mas armei mesmo, em quantidade. Era o que mais se usava no começo,

quando não tinha luz elétrica, todo mundo vivia à base

do querosene. Não tinha também o gás, era à base de lenha

ou carvão. Essa marca aqui é marca de quando eu era

garoto, de aparecer até o nervo branco. Eu cortei um cepo

de pau assim, dessa grossura, meu braço quase não arcava.

Subimos pra Rocha Miranda pra passar para o lado

de cá, escorreguei numa folha seca, bati com o braço pra

não deixar cair a madeira, abri aqui. Você pensa que deixei

lá o cepo porque abriu? Tirei a camiseta, rasguei, enrolei

aqui e continuei com o cepo. Quando botei na ladeira, tóim,

veio descendo sozinho... Naquela época a gente ganhava

muito dinheiro assim, chegava numa carne-de-vaca, no

angico, chegava, por exemplo, num jacaré, serrava ele por

baixo, quieto pra não fazer barulho, deixando a ponto

de cair, ia lá e serrava outro e outro, depois chegava lá e

serrava direto. Serrava direto e deixava cair. Quando batia

um no outro fazia aquela barulhada, um eco desgraçado

ué ué ué... E, ó, deitava o pé. No dia seguinte, bem cedinho,

a gente tava lá, fazendo o arrastão. Media dois metros

certinhos. Botava um machado, metia uma cunha, abria

pau, abria achas em gomos e botava no sol. O jacaré é

aquela madeira que dá uma porção de serra, vermelha.

Quando você pegava bem firme com o machado no centro,

sentia aquela madeira abrir, a estaladeira.

Mas acidente de trabalho não tive não. Uma vez eu quebrei a perna aqui, ó, no futebol e fiquei engessado até cá em cima, imobilizado. Foi quando armei uma casa de palito de fósforo. Uma casa mesmo, assim, de quarto, sala e cozinha. As crianças chegaram com caixas de fósforo que não é brincadeira não. Quando eu vi tinha era caixa de fósforo. Aí eu comecei... Tinha muro e tudo. Eu armei quarto, sala, cozinha e banheiro. Eu estava armando uma escada... Daí chegaram aqueles policiais em blitz no morro e ficaram olhando... E as paredes da casa eu estava forrando com papel de chumbo colorido, feito pintura. Interessante foi que o paisano ficou parado, ficou parado... Aí não se conteve e veio: "É... bonito trabalho..." Quando ele falou bonito trabalho eu respondi logo pra ele: "Bonito trabalho mas isso não é de cadeia não, porque eu nunca estive lá, hem? Não vá pensar que eu já estive lá em baixo na detenção não." Eu fui logo tocando no assunto porque esse tipo de invenção é de preso, né? Talvez um dia eu bote os pés lá, mas por enquanto ainda não precisei não. Ele então disse: "O que é isso, meu tio?" Mas eu fui logo dando uma decisão nele: "Estou apenas avisando."

Mas, graças a Deus, nunca se meteram na minha vida, porque a gente também não se mete na vida deles, né? A gente não pode se meter na vida de quem quer que seja. Eu nunca ando armado e nem pretendo. Quero que Deus me tire isso da idéia, porque se o caboclo falar que eu não tenho coragem eu atinjo ele, antes dele me atingir eu atinjo ele. Se no centro da cidade tem malandragem porque no morro não vai ter? Mas vamos tratar eles com respeito, eles tratam da vida deles e nós tratamos da nossa. Eles estão errados, mas deixa isso pra lá... Cada um segue o seu destino.

